

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE CADELA COM PARAPLEGIA

ANSHAU, Ionara Regina¹; ELY, Ian Carlos¹; REMBOLD, Maria Carolina¹; CARTANA, Camila Basso²;

Palavras chave: deficiência, adoção, complicação, comportamento.

INTRODUÇÃO

Cães com deficiência motora são susceptíveis a complicações psicológicas e traumáticas, e geralmente mais estressados, pela menor autonomia. Muitas vezes tornam-se deprimidos, altamente dependentes e até agressivos (AGUIAR et al., 2014).

Animais paraplégicos necessitam de atenção ao esvaziamento vesical e intestinal, devendo-se fornecer dieta adequada, além de prevenir assaduras e ulcerações cutâneas por decúbito. Também se recomenda fisioterapia para evitar atrofia e contratura muscular e perda da função articular e neuromuscular (DEWEY, 2006).

Tutores de animais com paralisia devem estar atentos desde as mínimas vontades do animal até ao momento de suas necessidades fisiológicas. Esses animais possuem menor expectativa de vida e geralmente são menos procurados para adoção (AGUIAR et al., 2014). No entanto cães paraplégicos podem ter uma boa qualidade de vida se os tutores tiverem consciência dos esforços necessários (ANDRADES, 2017).

Objetiva-se relatar o caso de uma cadela paraplégica, abordando sua convivência com as limitações locomotoras e sua qualidade de vida após quatro anos de adoção.

RELATO DO CASO

Atendeu-se no Núcleo de Práticas Veterinárias da Uceff Itapiranga uma cadela da raça Dachshund, com idade estimada em cinco anos, resgatada da rua, que apresentava controle precário sobre a micção, com eritema, escaras de decúbito e escoriações nas regiões das virilhas e face dorsal dos membros traseiros, associados ao arrasto ao movimentar-se. No exame neurológico, verificou-se paralisia de membros posteriores, sensibilidade cutânea somente até L5-L6, sensibilidade perineal e digital em membros pélvicos, com contração muscular diminuída. Solicitou-se radiografia da coluna, com ênfase nas vértebras L5-L6, a qual revelou a presença de dois corpos estranhos.

A cirurgia de hemilaminectomia confirmou o diagnóstico de compressão medular pela presença de estilhaços de projétil já fibrosados, motivo pelo qual mesmo após remoção e descompressão, não se obteve cura para a condição de paraplegia.

O processo de adaptação pós-adoção foi satisfatório, uma vez que, na avaliação da tutora, a situação foi confortável para ambas. Os desafios iniciais foram os cuidados com os ferimentos decorrentes do arrasto e a compressão regular da bexiga. O animal é sociável e relaciona-se de forma tranquila com outros, de modo que se adaptou adequadamente ao outro cão da casa.

¹ Graduando do curso de Medicina Veterinária da UCEFF. Contato: ianely2011@hotmail.com

² Docente do curso de Medicina Veterinária da UCEFF.

Também adaptou-se bem à cadeira de rodas e demonstra alegria ao utilizá-la, o que ocorre apenas durante os passeios. Não faz uso dentro de casa, pois tem dificuldades para se locomover entre os móveis. A cadeira foi confeccionada artesanalmente com canos de PVC e permite que o animal ande, corra e brinque, tornando-se menos dependente, reduzindo as úlceras de decúbito e melhorando seu bem-estar mental.

A compressão vesical é um cuidado importante, adotado pela tutora três vezes ao dia. Apesar da paciente urinar espontaneamente quando a bexiga está repleta, não é capaz de esvaziá-la por completo. A principal complicação relacionada a uma fêmea que não esvazia a bexiga é a propensão à cistite bacteriana, em função da anatomia da uretra e do contato da vulva com o chão. Devido ao caráter recorrente, deve-se manter monitoração constante da qualidade da urina, a fim de detectar alterações precocemente, o que segundo a tutora nem sempre é um cuidado simples. É necessário evitar o contato do animal com fezes e urina, podendo-se recorrer ao uso de fraldas descartáveis. Na paciente em questão, a adaptação às fraldas não foi satisfatória e o animal é mantido com cuidados básicos de higiene e banhos mensais.

Outra complicação da paraplegia é a atrofia muscular pela falta de movimentação. A paciente apresentou atrofia da musculatura pélvica e hérnia inguinal bilateral, indicando flacidez da musculatura abdominal, que pode estar associada não apenas ao desuso, mas também à dieta, que não é de alta qualidade. Fêmeas de meia idade a idosas, não castradas e obesas são mais predispostas à ocorrência de hérnias inguinais (FOSSUM, 2014). Apesar da dieta não balanceada, o animal nunca foi obeso. Ao ser submetida à herniorrafia, a paciente foi também castrada.

Questionada sobre como avalia a qualidade de vida de sua cadela, a tutora atribui nota oito em uma escala de zero a dez, justificada pela cistite recorrente e pela incerteza sobre a ausência de dor, ainda que inaparente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliar a qualidade de vida de um animal paraplégico, não se indicam comparações com animais hígidos, pois sempre haverá limitações. A cadela deste relato vive em condição de bem-estar, uma vez que sua limitação não a impede de brincar e ter vida social. É importante salientar que as condições oferecidas pelos tutores são determinantes para que essa qualidade de vida seja possível. Ainda que haja aspectos a melhorar, como a nutrição, a saúde da paciente é monitorada e as cistites recorrentes são tratadas assim que detectadas. O animal vive em ambiente adequado às suas necessidades e é regularmente levado para passeios, de modo a poder expressar seu comportamento natural.

Além dos cuidados instituídos, outras medidas poderiam ter sido adotadas, como a fisioterapia, em especial a hidroterapia, que poderia ter auxiliado na atrofia muscular pélvica. Todavia, este não é um fator que comprometa seu bem-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Juliana Gomes de; SOARES, Gabriel Vieira; REZENDE, Lincoln Reis; LOSCHI, Pollyanna Pedrosa; LOPES, Ricardo Jose Ramos Spencer, BRITO, Jorge Nei. Projeto cadeira de rodas para cães. Anais do XIV CONEMI - Congresso Nacional de Engenharia Mecânica e Industrial, Salvador, Bahia, 2014.

ANDRADES, Amanda Oliveira. Fisioterapia em cães com doença do disco intervertebral (HANSEN tipo I) toracolombar submetidos à descompressão cirúrgica. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2017.

DEWEY, Curtis Wells. Neurologia de cães e gatos. Guia prático. São Paulo: Roca, 2006. p. 1-312.

FOSSUM, Theresa Welch. Cirurgia de pequenos animais. 4 ed. Rio de Janeiro, Elsevier, p. 368-373, 2014.